
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O TRABALHO SEMI-ES CRAVO NO OESTE PARANAENSE (1900 – 1930)

Luiz Eduardo Deon

Bacharel e Licenciado em História – UNIOESTE

Especialista em História Econômica – UNIOESTE

luizdeon@gmail.com

RESUMO

Esse artigo destaca as relações de trabalho num período histórico caracterizado pelo domínio das *obrages*. Esses latifúndios extrativistas de madeira e erva-mate cresceram vertiginosamente no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX em toda Bacia do Prata. Nela se desenvolveram práticas de trabalho conhecidas como de enganche que consistia numa relação de semi-escravidão do trabalhador dessa propriedade. Tal prática não é inédita, e por isso será comparada com demais práticas de trabalho que também exploram o trabalhador em vista de maximizar os lucros do empregador.

Palavras-Chave: *Obrage*; Enganche; Aviamento e Paraná

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade destacar as relações de trabalho existentes no Extremo-Oeste paranaense na primeira metade do século XX, num período que é conhecido pela ocupação de grandes empresas extrativistas na Região, conhecidas como *obrages*.

Estudar essa relação é importante, pois pode-se a partir desses estudos iniciar uma discussão sobre esse tema que não tem grande aporte teórico, afim servir como comparação a outras relações de trabalho semelhantes.

Os mecanismos instituídos para o controle de mão-de-obra em áreas rurais da América Latina tem sido objeto várias investigações. Estas investigações relatam que no século passado e nas primeiras décadas deste século, práticas coercitivas eram inerentes a determinadas relações de trabalho. Em décadas mais recentes e mesmo nos dias de hoje, no contexto da região amazônica, apesar da carência de alguns elementos constitutivos, relações de trabalho acercadas em tais mecanismos coercitivos, ainda fazem parte de vários sistemas de produção.

Essa delimitação temporal baseia-se no fato de que as primeiras *obrages* chegaram na região Oeste do Paraná em 1901 e a década de 1950 é caracterizada pela venda dos grandes latifúndios *obrageros* às empresas colonizadoras de capitais nacionais.

A *obrage*, expressão originada da língua espanhola, foi um tipo de exploração ou propriedade típica das regiões cobertas pela mata subtropical e se desenvolveu primeiramente no Paraguai e Argentina. O *obragero* era o proprietário desse tipo de latifúndio.

O presente artigo é constituído de quatro seções, incluindo a introdução. A segunda seção está constituída numa breve análise da Região Oeste Paranaense e da instalação das *obrages* no território. No terceiro momento, avalia-se o caso do trabalho de *Enganche* e quais são suas características. Após, irá se comparar o trabalho de enganche com duas outras práticas semi-escravistas existentes: o *Aviamento* e a *Peonagem por dívida*. Finalmente, na última sessão são tecidas as considerações finais.

2 AS OBRAGES NO OESTE DO PARANÁ

O Oeste paranaense se localiza no 3º Planalto, limitando-se ao sul e sudoeste pelo Rio Iguaçu, ao norte pelo Rio Piquiri, com região Noroeste, a leste pelo Rio Guarani com a região de Pitanga e Campo Mourão, a leste pelo Rio Paraná, estabelecendo fronteiras com o Paraguai e a Argentina. O Oeste tem uma superfície de 22.967 km².

Wachowicz¹ afirma que durante o período imperial, essa Região ficou praticamente esquecida pelas autoridades brasileiras. A fronteira com o mundo espanhol havia sido definida pelo Rio Paraná. A solidez dessa fronteira, demandada por um rio caudaloso, levou provavelmente ao desinteresse de sua colonização durante todo o século XIX. Em regiões de fronteira, como o Oeste paranaense, percebe-se que há um trânsito de pessoas e mercadorias circulando nessas regiões limítrofes.

Com a guerra do Paraguai no século XIX e a redução da população paraguaia², o leste paraguaio passou por uma redistribuição do seu espaço. De acordo com Sonda³, o fim da guerra do Paraguai permitiu um violento processo de concentração de terras em mãos

¹ WACHOWICZ, Ruy Cristovam. **História do Paraná**. 9º Ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2001.

² Para maiores informações sobre o tema, vide CHIAVENATO, Julio. **Genocídio Americano; a Guerra do Paraguai**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

³ SONDA, Valdemir José. **A emigração brasileira para Naranjal – Alto Paraná – Paraguai – (1973 – 1995) – Um estado de caso**. Niterói, 2003 p. 36 Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense.

estrangeiras, o que possibilitou a entrega de 25 milhões de hectares a latifundiários que estavam assentados, principalmente no Alto Paraná. Os principais beneficiados nessa concentração de terras, foram empresas de capital inglês que se fixaram na região.

Esses novos latifúndios na margem paraguaia do Rio Paraná eram especializados no corte da madeira e na coleta e beneficiamento da erva-mate. Essas novas propriedades são conhecidas como *obrages*.

Esse sistema, a partir do século XIX, ultrapassou as fronteiras desses países e penetrou no extremo oeste paranaense, na época praticamente despovoado. No final do século XIX, essa frente de extração atravessou o rio Paraná, embrenhando-se na região. Como em nossa região não havia presença brasileira, nem fiscalização, o sistema das *obrages* desenvolveu sem interferências.

TABELA 1 – PRINCIPAIS OBRAGES NO OESTE DO PARANÁ, SUAS LIDERANÇAS, ORIGEM DO CAPITAL, O TAMANHO DAS PROPRIEDADES E A SEDE DA EMPRESA (1900 – 1950).

NOME DA OBRAGE	PROPRIETÁRIOS / ACIONISTAS / DIRETORES	ORIGEM DO CAPITAL	TAMANHO TOTAL DAS PROPRIEDADES	SEDE DA EMPRESA
COMPANHIA DE MADERAS DEL ALTO PARANÁ	<i>Michael Willieux e Hebruch Elmer</i>	<i>Inglês</i>	<i>274.752 hectares</i>	<i>Buenos Aires – ARG</i>
COMPANHIA NUÑEZ Y GIBAJA	<i>Lázaro Gibaja, Pedro Nuñez e Theodoro Matheo Soldati.</i>	<i>Argentino</i>	<i>51.973 hectares</i>	<i>Posadas – ARG</i>
PUERTO ARTAZA	<i>Julio Tomaz Allica</i>	<i>Argentino</i>	<i>450 hectares</i>	<i>Marechal C. Rondon</i>
COMPANHIA FLORESTAL S.A.	<i>Waldemar Matte, João Emilio Matte e Miguel Matte</i>	<i>Nacional</i>	<i>135.802 hectares</i>	<i>São Miguel do Iguaçu</i>
COMPANHIA DOMINGOS BARTHE	<i>Domingos Barthe</i>	<i>Argentino</i>	<i>35.370 hectares</i>	<i>Posadas – ARG</i>
COMPANHIA MATE LARANJEIRA	<i>Tomaz Laranjeira e a família Murtinho</i>	<i>Luso-brasileiro</i>	<i>9.953 hectares somente no PR</i>	<i>Buenos Aires – ARG</i>
COMPANHIA PETRY, MEYER E AZAMBUJA	-	<i>Argentino</i>	<i>70.000 hectares</i>	<i>Santa Helena</i>
BRAVIACO (Subsidiária da Brazil Railway Company)	<i>Percival Farquhar</i>	<i>Anglo-francês</i>	<i>2.100.000 hectares somente no PR</i>	<i>Portland - EUA</i>

Fonte: Adaptado pelo autor de MYSKIW (2002) e ANDRADE (2007).

Wachowicz⁴ afirma que “a erva-mate era o principal produto de sustentação da economia de uma obrage. No interior da propriedade, organizavam-se os ranchos. Ali eram instalados o *sapegador*, o *barbacuá* e o *cancheador* de erva”. No rancho, eram também

⁴ WACHOWICZ, opt. cit. p. 237

construídas casas rústicas, onde residiam os mensus. Desses locais, partiam estradas de penetração. As margens da estrada existiam os *ranchitos*. Colhia-se erva-mate ao redor dos *ranchitos*, numa distância de até dois quilômetros. A erva-mate era colhida nas minas, locais de maior concentração de árvores nativas de erva-mate. Colhidos os galhos, no fim da jornada eram transportados aos *ranchitos*. Dos ranchos a erva-mate era transportada até o porto de embarque. Por vapores argentinos, descia o Rio Paraná e ia ser industrializada e comercializada na Argentina.

Com a Constituição Republicana de 1891, as terras devolutas deixavam de ser responsabilidade da união, como estabelecido pela “Lei de Terras” de 1851, e passavam a ser dos estados. Com isso, o Paraná pelas décadas seguintes, entregou grandes glebas a empresas de capital estrangeiro, políticos e pessoas influentes do estado.

A comunicação da Região Oeste com os grandes centros consumidores era limitada pela existência dos saltos das Cataratas do Iguaçu e pelos Saltos de Sete Quedas. A existência das Sete Quedas era um benefício para a sobrevivência do sistema. Essas cachoeiras eram um formidável obstáculo. Em direção a leste, para Guarapuava, eram mais de 400 quilômetros por uma picada mal construída. Até final da década de 1920, o único acesso confiável era pelo Rio Paraná, via Buenos Aires. Todas as mercadorias consumidas na região vinham da Argentina: alimentação, vestuário, móveis, bebidas, etc. A população só tinha contato com a civilização, quando chegava algum vapor argentino. A população seguia em direção ao porto para comprar alguma coisa ou apreciar o movimento.

Segundo Wachowicz⁵, era o Rio Paraná, com navegação argentina, a mão-de-obra paraguaia e a incúria brasileira que permitia funcionar todo o sistema.

3 O TRABALHO DE *ENGANCHE* NA *OBRAGE*

No século XX ocorreu uma disseminação do hábito do consumo da erva-mate nos estados platinos e no sul do Brasil. Como os ervais nativos encontravam-se sobretudo em matas brasileiras, majoritariamente nas margens do Rio Paraná e Uruguai, a erva-mate tornou-se uma *commoditie* amplamente explorada em território brasileiro, pois havia grandes demandas pelo produto notadamente pela Argentina.

⁵ WACHOWICZ, opt. cit. p. 231

¹⁰⁴ Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 8, n. 1, p. 101-112, jan./jun. 2014.

A erva-mate saiu de simples produto de troca indígena, para se tornar um símbolo cultural e econômico do sul do país. Cabe destacar que esse produto será a primeira atividade de transformação dessa região, que por usar de pouca tecnologia e capitais baixos, atrairá uma grande quantidade de interessados em explorar esse produto. Conseqüentemente, exigirá trabalho braçal e uma grande quantidade de trabalhadores, em particular de *mensus*.

O trabalho realizado pelos *mensus* no Oeste paranaense se constituiu numa prática conhecida como *trabalho de enganche*. Segundo Rodrigues⁶, o *enganche* se caracteriza na antecipação da prestação do serviço via empréstimos. Essas remunerações tinham como garantia a força de trabalho do grupo familiar.

No caso do Oeste paranaense, esse empréstimo antecipado era conhecido como *antecipo* e era entregue pelos *gatos*, que eram aliciadores de mão-de-obra. A maioria das contratações dava-se principalmente na cidade de Posadas, onde as empresas *obrageras* possuíam escritórios específicos para essa contratação.

De acordo com Martinez⁷, Posadas, a capital da Província Argentina de Misiones representava um *status quo* que atraía a população regional. Ainda de acordo com o autor, o ideal de todo *mensu* era juntar dinheiro e ir a Posadas para demonstrar sua riqueza material.

Depois de contratado, o *mensu* aguardava o vapor que o levará as regiões extrativistas. Como as embarcações demoravam até duas semanas para chegar, os trabalhadores nesse meio tempo eram encantados pelos “prazeres” de Posadas e acabava por gastar todo o *antecipo*. É nessa hora, que o peão passa a ser escravo do sistema de *enganche*, pois quando chega a *obrage*, já está sem dinheiro e devendo o valor das passagens.

A dívida era o principal ardil para manter o trabalhador no erval, já que os débitos aumentavam ao passo de serem obrigados a comprar todos os viveres no armazém da *obrage*, que sempre cobrava preços exorbitantes pelos produtos. Assim, a dívida apenas tendia a crescer. De acordo com Rodrigues⁸, esses trabalhadores deveriam permanecer no local até seus débitos forem sanados. Com isso o endividamento era utilizado como controle da força de trabalho e das possibilidades de mudanças sociais.

O *antecipo* transformava o adiantamento numa prática primitiva de acumulação, pois alienava o *mensu* quanto ao montante necessário para o pagamento da dívida. Passado algum

⁶ RODRÍGUES, R. **Garimpos do vale do Tapajós: as máquinas transformando as relações de produção e o meio ambiente**. Quito – Equador, 1996. Dissertação (Maestria em Estudios Amazónicos) – FLACSO – Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales; p. 34.

⁷ MARTINEZ, Cezar. **Sertões do Iguassú**. São Paulo, Cia. Ghafico - Editora Monteiro Lobato, 1925. p. 97-98.

⁸ RODRIGUES, opt. cit. p. 36.

tempo, o trabalhador estabelecido na obra o mesmo já não teria mais controle das suas despesas e perderia a noção de quanto devia. Nessa relação, ele já perderia a noção de sua força de trabalho.

Nessa visão, as relações mercantis se transformavam numa das principais características para a sobrevivência do modelo de *enganche* na obra. Outra característica determinante no processo é o uso da força pra coibir fugas e motins dentro da obra. Sobre isso, Cabanas⁹ comenta que quando o trabalhador manifestava qualquer descontentamento sobre sua condição, era tratado no chicote e no “calibre.44”.

Mesmo quando o trabalhador terminava o mês com saldo positivo, o mesmo recebia o *boleto*, uma espécie de vale com o intuito de gastar o dinheiro com mercadorias do próprio armazém. O pagamento em forma de *boletos* era mais uma forma de manter o trabalhador “preso” a obra, pois esse ressarcimento apenas teria valor dentro da própria propriedade, ou seja, o mensu nunca poderia usar o dinheiro para sair da propriedade algum dia.

Apesar da quase unanimidade dos autores em relação ao papel do armazém dentro da obra, há uma visão distinta expressa na obra de Rodrigues¹⁰, que fazendo uma discussão em cima de algumas obras, conclui que são os trabalhadores que ao gastarem por cima de suas rendas, estariam incrementando suas dívidas sempre mais. Desta forma, não haveriam preços sobrevalorizados, mas sim níveis de consumos elevados do que o poder de compra dos salários.

Essa visão é simplista ao considerar as necessidades básicas dos trabalhadores isolados no Oeste do Paraná. Cabe destacar que a agricultura familiar era uma prática proibida, sob a alegação que consumia tempo do trabalhador. Medida semelhante ocorreu na mineração em Minas Gerais no Brasil Colônia. Sob uma alegação semelhante, essa medida fomentou um comércio dentro da colônia, tendo papel importante dos Tropeiros. Mas no nosso caso, essa era mais uma forma de manter o mensu refém dos preços do armazém da obra. De acordo com Lima Figueiredo¹¹ em sua visita à Região na década de 1930, a alimentação do trabalhador era constituída do *locro* (comida feita de milho) e o *tererê*. Nos

⁹ CABANAS, João. **A Columna da Morte**. Assunção - Paraguai, 1926. p. 241.

¹⁰ RODRÍGUES, opt. cit. pg. 35.

¹¹ FIGUEIREDO, Lima. Oeste paranaense. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937. p. 111 *apud* FREITAG. Liliane da Costa. **Fronteiras Perigosas: Migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense (1937 – 1954)**. Cascavel, Editora Edunioeste, 2001 p. 75.

¹⁰⁶ Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 8, n. 1, p. 101-112, jan./jun. 2014.

relatos do espanhol Rafael Barret¹², a alimentação provinha de Posadas e Encarnación (Paraguai) e era de baixa qualidade.

É necessário observar que o modelo de enganche ocorrido no Oeste paranaense não sofreu intervenções das autoridades competentes, mesmo as de esfera municipal, em que certamente conheciam essa realidade. Mas mesmo sabendo das práticas, porque essas autoridades não tomavam atitudes a combater essa semi-escravidão em pleno século XX?

Talvez essa resposta esteja nas relações existentes entre os proprietários dessas empresas com as lideranças locais. No caso dos ingleses, esse grupo detinha um contrato permanente com o governo do Estado do Paraná, o qual exercia certa influência. Esse caso ganha sentido pois se analisando a Região Oeste, observará que as únicas terras em que não houveram titulações de “segundo andar” foram justamente na gleba “Fazenda Britânia”, propriedade da “Madereras del Alto Paraná”. Esse prestígio pode ser um dos fatores que faziam com que as autoridades ignorassem as práticas existentes dentro das *obrages*. O suborno, a opressão, e até a falta de estrutura eficiente que pudesse combater esse sistema, podem ser fatores que mantinham o *enganche* nas *obrages*.

Uma das justificativas para a utilização do *enganche*, é que as *obrages* encontravam dificuldade para contratar mão-de-obra que trabalhasse na Região. Como não havia núcleos de povoamento, esses trabalhadores eram contratados sobretudo em Posadas. Torná-los refém da dívida era uma forma de mantê-los na região, já que poucos realmente aceitariam em viver numa condição de isolamento e em condições de trabalho insalubres. Vale citar como exemplo que a poda da erva-mate dava-se na mata, e esses trabalhadores passavam praticamente todo tempo vivendo em acampamentos improvisados no interior das *obrages*, conhecidos como *ranchitos*.

Em sua obra, Franco¹³ comenta que as *obrages* que possuíam portos costumavam ter bem seguras as pequenas embarcações nas barrancas, para evitar possíveis fugas. Essa guarnição cabia aos *cachorros* (ou *Comitiveros*), uma espécie de polícia da *obrage*, que como Cabanas¹⁴ comenta, era formada por capatazes argentinos.

Outro exemplo opressão dentro das *obrages* são as falsas histórias espalhadas pelos *cachorros* e capatazes com intenção de intimidar os *mensus*. O caso mais conhecido na região

¹² BARRET, Rafael. **Degeneración**. El Diário: Asunción, 23 jun. de 1908. Disponível em: <<http://es.wikisource.org/wiki/Degeneraci%C3%B3n>>. Acesso em 18 out. 2007

¹³ FRANCO, Arthur. **Recorda es de viagem ao Alto Paraná**. Curitiba, Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1973. p. 59.

¹⁴ CABANAS. opt, cit. p. 242

era do *Sótano*. Entre os trabalhadores corria a informação que no escritório de Julio Tomaz Allica, proprietário da “Puerto Artaza”, havia o *Sótano*, que era um alçapão com um grande fosso. Ao trabalhador que fosse buscar o que lhe fosse de direito, o *Sótano* era acionado e o empregado caía no Rio Paraná. Essa era mais uma artimanha para afugentar o *mensu* e prendê-lo na propriedade extrativista.

O abuso sexual também era uma prática comum dentro na região. No núcleo familiar do *mensu*, sua esposa era usada pra auferir dívidas, como também suas filhas que chegassem à puberdade.

Apesar das condições em que viviam os peões aprisionados pela penúria do trabalho e pelas dívidas impagáveis, Rodrigues¹⁵ expõe que o *enganche* é uma forma de trabalho livre. Segundo ele, a dívida, elemento sobre a qual se baseia toda a coerção que caracteriza o *enganche* como servidão por dívidas, é reconhecida como um elemento de atração. Trata-se apenas de um incentivo que opera internamente ao aspecto voluntário com o qual os camponeses entram no sistema de *enganche*, ao compreenderem que as condições de trabalho, os salários oferecidos e o adiantamento são satisfatórios. Esta compreensão impulsionando a voluntariedade seria a melhor evidência de relações livres.

Apesar de este autor destacar que o modelo de *enganche* fora aplicado em diversas regiões na América Latina, sobretudo no caso do Peru e Colômbia, o trabalho do *mensu* não se aplicaria como sendo uma relação livre, justamente por ser privado da liberdade antes da sua dívida ser paga, apesar de considerada impagável.

Posteriormente, o mesmo autor aborda¹⁶ que o *mensu* adere ao trabalho na obra por voluntariedade, não supondo que essa proposta de emprego poderia ser enganosa e falsa. Ele afirma que a voluntariedade para ingressar nessa relação de trabalho e seu papel como forma de assegurar economicamente a subsistência individual ou do grupo familiar também são citadas para caracterizar o *enganche* como relação trabalhista de mútuos benefícios.

Analisando o trabalho de Rodrigues, percebe-se uma tentativa de revisão de muitas das relações existentes no trabalho de *enganche*. Mas esses pontos não se encaixam no contexto das *obrages*, pois essa visão “revisonista” não aceitaria as impressões de viajantes que passaram no início do século XX. Tantos relatos de Domingos Nascimento, membro da

¹⁵ RODRÍGUES, opt. cit. p. 38.

¹⁶ RODRÍGUES, opt. cit. p. 39.

¹⁰⁸ Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 8, n. 1, p. 101-112, jan./jun. 2014.

sociedade Estadual de Agricultura do Paraná Coelho Junior, tanto ao tenentista João Cabanas, ávido combatente do governo brasileiro, em sua época ao comando de Arthur Bernardes.

O *enganche* então seria então caracterizado pela coerção do trabalhador, seja por meio da força física, ou por meio do medo. Também podemos apontar que a alienação faz parte desse processo, pois o trabalhador é ludibriado tanto no momento da contratação e nas próprias práticas de trabalho, sobretudo no valor da sua forma de trabalho.

4 OUTRAS PRÁTICAS DE ESCRAVIDÃO MODERNA

Além do *sistema de enganche*, outras regiões da América Latina experimentaram relações trabalhistas singulares à abordada nas *obrages* da Bacia do Prata. Apesar de apresentares semelhanças, essas relações apresentam singularidades importantes entre elas. Mas todas essas formas de coerção de trabalhadores tiveram seu auge no início do século XX, após a lei áurea outorgada em 1888. A seguir serão apresentados o *Sistema de Aviamento* e a *Peonagem por dívida*.

4.1 O SISTEMA DE AVIAMENTO

O *Sistema de Aviamento*, também conhecido por *Trabalho de Sísifo*¹⁷, *Sistema de Barracão* ou *Patronagem*, foi uma forma de contratação de trabalho existente principalmente na região Amazônica no início do Século XX, sobretudo no extrativismo da borracha.

Instituído enquanto mecanismo para a acumulação de capital, o aviamento gerava um excedente extraordinário, subtraído em sua maior parte da mão-de-obra. Os custos e a reposição dos instrumentos de trabalho eram assumidos inteiramente pelos extratores e não pelos donos dos seringais. E os preços dos bens necessários a subsistência dos seringueiros eram considerados abusivos.

Com elos intermediários, se instalavam os chamados aviadores e as casas aviadoras. Nesta cadeia, poderia ter lugar aviadores em diferentes níveis, cabendo ao aviador em contato

¹⁷ De acordo com SAMPAIO (2002), na mitologia grega, Sísifo, rei de Corinto, conseguiu enganar Tânatos, deus da morte, protelando por certo tempo sua estadia na Terra. Descoberto, foi condenado por Zeus a rolar uma rocha ao topo abaulado de um monte de onde ela voltava a cair, devendo recomeçar incessantemente seu trabalho inútil por toda a eternidade. Assim como Sísifo, o trabalhador estaria condenado a uma relação viciosa, escravo da dívida com o comerciante, executando a mesma tarefa sem jamais superar ou abandonar sua condição de dependência.

direto com o extrator, o fornecimento das mercadorias e recebendo em troca, a borracha. Os preços dos bens comercializados pelo aviador eram demasiados elevados.

A dívida instituída pelo avião, teve a função principal de controlar a mão-de-obra coletora de borracha nos seringais da Amazônia no século passado. No entanto, ainda hoje é utilizada como mecanismo de dependência dos trabalhadores, sobretudo no norte do País.

As principais diferenças desse sistema como o enganche consistem no fato de que não havia a prática do “antecipo” dentro dos aviamentos. Outra diferença perceptível é que dentro do “aviamento”, os trabalhadores vendiam sua produção aos donos da terra. Cabe lembrar que os *mensus* recebem esse nome por serem mensalistas, ou seja, recebiam uma remuneração fixa por mês.

4.2 A PEONAGEM POR DÍVIDA

As políticas de ocupação da Amazônia no final dos séculos XIX e XX, estimularam a implantação de grandes empresas agropecuárias, que em cumprimento as exigências do próprio Governo para a titulação definitiva das terras, necessitavam dotar as mesmas de benfeitorias.

No recrutamento era concedido ao trabalhador um empréstimo, denominado de abono. Neste momento eram postos em prática, determinados mecanismos destinados ao controle da mão-de-obra, instituídos a partir de uma relação de trabalho, denominada de *peonagem da dívida*.

Definida como uma “forma particular de subordiná-lo do trabalho”, a peonagem da dívida foi introduzida sobretudo no Peru e Colômbia ainda na década de 60, no entanto, foi mais amplamente utilizada na década seguinte. Os mecanismos de coerção na peonagem são exercidos a partir de um conjunto de elementos, dentre os quais, destacam-se a remuneração por produção e o endividamento.

O salário por produção também é considerado como um fator importante na peonagem, posto que, estimulava aos trabalhadores ao uso intensivo de sua força de trabalho.

A diferença entre o *Enganche* e a Peonagem por dívida consiste no fato de que a primeira procedia de forma a manter esse trabalhador preso na obra até auferir sua dívida. A produtividade do trabalhador não era essencial. Já no caso da Peonagem, a contratação era

uma forma de explorar o contratante, mas que com a intensificação da jornada de trabalho, esse tenderia a reduzir seu tempo de cumprimento da tarefa.

5 CONCLUSÃO

A discussão desenvolvida neste texto procurou enfatizar as relações de trabalhos existentes dentro das *obrages* no Oeste Paranaense na primeira metade do Século XX.

A proposta central deste texto refere-se, justamente questionar práticas e como elas encontraram uma situação viável para se efetivarem. Essa discussão permitirá novos estudos e discussões sobre esse assunto pouco explorado.

A instituição da dívida e todas as práticas de coerção estabelecidas em seu nome, parecem conferir ao *enganche*, ao *aviamento* e a *peonagem* atributos de trabalho escravo, reconhecido como aquelas relações de trabalho disciplinadas pela coesão e violência.

Como pode ser observado, também no *enganche*, o endividamento aparece como a base das relações de trabalho, se estabelecendo como o principal mecanismo de controle e exploração da mão-de-obra. O endividamento se originava com *antecipo*, e sofria acréscimos com as despesas do deslocamento, os custos dos bens de consumo e com a comissão paga ao recrutador.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Emmanuel Cunico de. **Guerra do Contestado**: fanáticos religiosos ou excluídos sociais. Marechal Cândido Rondon, 2007. TCC em História – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

BARRET, Rafael. Degeneración. **El Diáριο**: Asunción, 23 jun. de 1908. Disponível em: <<http://es.wikisource.org/wiki/Degeneraci%C3%B3n>>. Acesso em 18 out. 2007

CABANAS, João. **A Columna da morte**. Assunção - Paraguai, 1926.

FIGUEIREDO, Lima. Oeste paranaense. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937. p. 111 *apud* FREITAG. Liliane da Costa. **Fronteiras perigosas**: migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense (1937–1954). Cascavel, Editora Edunioeste, 2001.

FRANCO, Arthur. **Recordações de viagem ao Alto Paraná**. Curitiba, Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1973.

MARTINEZ, Cezar. **Sertões do Iguassú**. São Paulo, Cia. Ghafico - Editora Monteiro Lobato, 1925.

MYSKIW, Antonio Marcos. **Colonos, posseiros e grileiros: Conflitos de terras no Oeste Paranaense (1961–1966)**. Niterói, 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense (UFF).

RODRÍGUES, R. **Garimpos do vale do Tapajós: as máquinas transformando as relações de produção e o meio ambiente**. Quito – Equador, 1996. Dissertação (Maestria em Estudos Amazônicos) – Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO).

SAMPAIO, A. **O Trabalho de Sísifo: Crédito a comerciantes e reprodução do sistema de aviamento (1914-1919/1943-1952)**. Belém – Pará, 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará (UFPA).

SONDA, Valdemir José. **A emigração brasileira para Naranja – Alto Paraná – Paraguai – (1973 – 1995) – Um estado de caso**. Niterói, 2003 p. 36 Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense (UFF).

WACHOWICZ, Ruy Cristovam. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2001

ABSTRACT

This article highlights the working relations in a historical period characterized by the dominance of obrages. These extractive estates of wood and yerba mate grew sharply in the late nineteenth century and the first decades of the twentieth century throughout La Plata Basin. It developed working practices known as fastener consisting of a list of semi-slavery of this property worker. This practice is not new, and therefore should be compared with other work practices that also exploit workers in order to maximize the profits of their employer.

Keys-Log: Obrage; Enganche; Aviamento and Paraná